



SENADO FEDERAL

PROJETO DE LEI DO SENADO

Nº 300, DE 2009

Denomina *Campus Ceres* - Domingos Mendes da Silva o *campus* do Instituto Federal Goiano, localizado em Ceres, Estado de Goiás.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica denominado *Campus Ceres* - Domingos Mendes da Silva o *campus* do Instituto Federal Goiano, com sede na cidade de Ceres, Estado de Goiás.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O presente projeto de lei se destina a homenagear os pioneiros do ensino profissional no Brasil ao batizar com o nome de um de seus heróis, Domingos Mendes da Silva, o *campus Ceres* do Instituto Federal Goiano, criado pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, mediante integração dos Centros Federais de Educação Tecnológica de Rio Verde e de Urutaí, e da Escola Agrotécnica Federal de Ceres.

Com isso, faz-se justiça a um mestre de brilhante carreira em três unidades da Federação (Bahia, Rio de Janeiro e Goiás) e estimulam-se as futuras gerações a se dedicarem à educação profissional. Afinal, esse foi o exemplo deixado por Domingos Mendes da Silva durante mais de meio século de exercício no magistério, entre outras

atividades relevantes desempenhadas pelo ilustre professor, médico, empreendedor, benemérito, administrador público.

Para que as senhoras e os senhores Parlamentares conheçam um pouco da Escola, da cidade de Ceres e de Domingos Mendes, até porque as respectivas histórias se entrecruzam e se fundem, um breve relato se faz necessário.

O ensino técnico no Brasil, notadamente na área de saúde, proporcionou o crescimento da produtividade mediante o aprimoramento de profissionais numa área até hoje carente de qualificação. Se agora, no fim da primeira década do segundo milênio, a necessidade de preparar quadros constitui gargalo para o progresso em todo o País, imagine-se na primeira metade do século passado. Pois foi nessa época que o professor Domingos Mendes da Silva começou, na região goiana do Vale do São Patrício, a experiência bem-sucedida da formação técnica em enfermagem. A escola, que recebeu seus primeiros alunos em 1949, foi formalmente instituída em 1953 e funcionou até o fim do século, quando suas atribuições foram abarcadas por outros projetos.

Domingos Mendes da Silva nasceu em Saubara, localidade que agora pertence ao município de Santo Amaro da Purificação, no Estado da Bahia. Filho de pescador e dona de casa, aos 6 anos de idade ficou órfão, adotado por família de amigos dos pais. Mesmo menino, tinha opiniões muito fortes. Na idade em que as crianças começavam a frequentar a escola, o pequeno Domingos estreava no trabalho. Não contava ainda sete anos quando improvisou uma caixa e ficava sobre ela para atender no balcão do minúsculo armazém dos novos pais.

Aos 12 anos, agradeceu a acolhida da família adotiva e, novamente sozinho, mudou-se para Salvador, em busca de melhoria de vida. Continuava criança, mas já era experiente a ponto de logo ser aceito em uma loja da Capital, no mesmo cargo de balconista. Nair Leal de Andrade informa em “Memórias e depoimentos”, livro com a biografia de Domingos, que o prédio do novo emprego era vizinho da Faculdade de Medicina da Bahia:

Enquanto atendia os fregueses, Domingos contemplava os acadêmicos aos grupos em alegres conversas, vestidos com seus uniformes brancos. Sentia emoções diversas, sutilezas próprias de pessoas inteligentes, enxergando longe. Começou a brotar em seu coração o desejo de um dia também estudar Medicina.

O sonho demoraria a começar a ser realizado. Somente aos 18 anos Domingos entrou na escola, mas a vida já o havia ensinado bastante. Rompeu rápido no colégio, o Ginásio Manoel Vitorino, em Salvador, ao mesmo tempo em que se dedicava também ao escotismo e ao trabalho. Logo era chefe de escoteiros e passava, no Colégio

Carneiro Ribeiro, em exames de admissão para ingressar no que hoje é o ensino médio. Foi aprovado, também, para professor de Biologia do colégio em que acabara de cursar o básico. Era o início de 1937, e não mais abandonaria o giz e a lousa, em quase 70 anos de Magistério.

No concurso seguinte da rede estadual de ensino da Bahia, candidatou-se ao cargo de professor. Aprovado já para o ano letivo de 1941. Não parou mais de progredir na área da Educação. Sabendo da fama do jovem dedicado, outros colégios o convidaram para lecionar: deu aula em vários, fundou outro, dirigiu unidade de ensino. Nada mal para quem, oito anos antes, sequer educação formal tivera. Mas havia um sonho a ser buscado. Em 1942, foi ao Rio de Janeiro fazer curso na área de escotismo. Havia acabado de concluir o “bacharelado” médio em Ciências e Letras e viu o anúncio de vestibular na Universidade Federal Fluminense. Inscreveu-se. E passou. O sonho começava a se realizar.

Outra cidade, outro Estado, mas agora ele era um deles, um dos rapazes de branco que tanto admirava quando atendia no balcão da loja vizinha à faculdade de Medicina, em Salvador. Apesar do status de aluno do curso mais concorrido, sua vida continuava com as mesmas necessidades. Nas horas de folga da faculdade, dava aulas no Colégio Batista de Niterói, do qual foi fundador do curso ginásial noturno. Nas férias e feriados, atuava como camelô, vendendo bolachas e biscoitos.

Ao se formar, tinha como projetos: casar com Eudméa, estudante de Enfermagem de quem ficara noivo, e, juntos, trabalhar no Rio São Francisco, atendendo de barco as comunidades ribeirinhas. Mudaram-se para Goiás com o objetivo de trabalhar em algumas povoações pouco ou não atendidas por profissionais da saúde. Conjugado com o casamento e o ofício, Domingos estrearia em outra atribuição, a de missionário batista. Para gáudio do Centro-Oeste, optou pelo coração do Brasil.

Estava sendo realizada uma experiência de reforma agrária no território goiano, na região em que futuramente passaria a estrada Belém-Brasília, trecho da BR 153, ligando o Sul ao Norte do País. Portanto, lugar inóspito para um jovem recém-chegado do Rio de Janeiro. Pois para lá rumou Domingos. Chegou em 1948, morando em um quartinho sem janela, e de lá só saiu para ir ao Rio se casar. Voltou com Eudméa e uma aliança definitiva com a Medicina e a Educação no Oeste brasileiro, ocupado em ritmo de marcha, onde havia acabado de se fundar uma capital, Goiânia, e se construiriam outras, como Brasília e Palmas.

Domingos arrumou emprego com o engenheiro Bernardo Sayão Carvalho de Araújo na Colônia Agrícola Norte de Goiás (Cang), criada pelo governo federal com metas nobres, tais como implantar “sistema de produção baseado na pequena propriedade familiar” e “técnicas agrícolas atualizadas”. As pessoas envolvidas, aos milhares,

precisavam igualmente de técnicas atualizadas para assistência à sua saúde. Domingos ia de barraco em barraco, de barranca em barranca, de família em família. O trecho se espalhava de Anápolis, em Goiás, a Miracema, hoje no Tocantins. Como os demais médicos da época em localidades idênticas, Domingos exercia todas as especialidades, de pediatria a ginecologista, de geriatria a radiologista, com muitas atividades na área de sanitarista. Aproveitava as consultas para ensinar noções de higiene e outros métodos de prevenção.

Era muito paciente e eram muitos os pacientes para a quantidade de profissionais. Então, Domingos resolveu montar uma escola técnica de enfermagem e, ao lado, o Hospital das Clínicas Centro Goiano, hoje Hospital Dr. Domingos. Centavo a centavo, tijolo a tijolo, a obra foi sendo erguida. Os rincões brasileiros enviaram seus jovens, ano após ano. No início, a pioneira Escola Goiana de Auxiliares de Enfermagem era tão rara que para lá acorriam interessados das mais diversas cidades do Norte e do Centro-Oeste brasileiros. Além da novidade e do alto nível das aulas, havia um atrativo adicional: a mensalidade. Ninguém pagava pela formação. Não havia ali um tostão de dinheiro público. Os custos eram bancados pelo hospital-escola, no qual, literalmente, moravam Domingos e a família, acrescida de incontáveis adotivos, pois os alunos advindos de cidades distantes moravam na casa do professor, ou seja, dentro do hospital e da escola.

O que no início era uma pequena povoação, logo estava com milhares de moradores e a batalha de Domingos e de outros pioneiros era fazer dali uma cidade. A experiência dera certo, o campo produzia bem e muito. Escolheram, para batizá-la, o nome da deusa romana da agricultura, Ceres, a “das plantas que brotam e do amor maternal”. Conseguiram a emancipação. E Domingos elegeu-se prefeito do novo município. Tirou do bolso para aplicar na administração. Construiu 20 escolas, um feito e tanto para o tamanho da população.

Se o Domingos educador fundara a primeira escola técnica, o Domingos médico era o amigo sempre à disposição dos pacientes desprovidos de quase tudo e o Domingos prefeito dotou o município com muito mais que obras esperadas em uma administração, o Domingos empreendedor foi pioneiro em diversas outras atividades. Fundou, ou ajudou a fundar, a primeira loja maçônica, a primeira hidrelétrica, a primeira biblioteca pública, o primeiro museu, a primeira associação médica, a primeira rádio, o primeiro Lions, a primeira Igreja Batista, o primeiro sistema de telefonia e outras iniciativas que até hoje funcionam na região, como atestados de sua importância para o bem da humanidade.

Aos adotivos, acrescentem-se os nove filhos de Domingos e Eudméa. Um deles, Carlos, exerceu os mesmos dois cargos políticos desempenhados pelo pai: prefeito de Ceres e deputado estadual. Após o trabalho na Assembléia Legislativa, Domingos

desistiu de disputar mandato, apesar da ótima convivência com grandes nomes da política nacional, como o presidente Juscelino Kubitschek, de quem ficou amigo pela proximidade com Bernardo Sayão.

Se na prefeitura fez um número recorde de escolas, na Assembléia Legislativa foi o deputado da Educação. Seus projetos e requerimentos eram sempre para instalar colégio em algum lugar. Ainda assim, desistiu da política eleitoral para voltar a ser o profissional mais importante da Educação: professor. E, apesar da insistência dos correligionários e dos apoios prenunciadores de vitórias, não mais quis mesmo disputar mandato.

Não forçou os filhos a seguirem sua área de atuação. Ainda assim, tornaram-se médicos, professores e político. Carlos, além da carreira de representante popular, trilhou os caminhos do pai na Medicina e no Magistério. Era prefeito de Ceres em 1984 quando chegou o deputado federal, representante e filho da cidade, Wolney Siqueira, comunicando que a região teria uma escola agrotécnica federal, o hoje *Campus Ceres* do Instituto Federal Goiano. Carlos checkou com a assessoria: não havia terreno público disponível para oferecer ao Ministério da Educação e candidatar a cidade a sede da unidade. O prefeito nomeou uma comissão suprapartidária, formada por Geraldo Magela, Joaquim “Quincas” Pedrosa Mundin, José Aranha Neto, Justiniano Dias Diniz e Romeu Borges, que arregimentaram apoiadores nos mais diversos segmentos. Entre os muitos colaboradores, o entusiasmo do pioneiro no ensino técnico em Goiás, Domingos Mendes da Silva. A ousadia de Carlos para a cidade se sobressair entre os municípios concorrentes e a ajuda dos ceresinos, às vezes com sacrifício das posses e do minguado salário, possibilitaram a compra do terreno.

O sofrimento prévio foi apenas um aperitivo das agruras que o povo de Ceres teria até o início das aulas, em 1994, dez anos depois de o vereador César Benito Caldas apresentar projeto na Câmara Municipal reivindicando o benefício. A inauguração da escola foi prestigiada inclusive pelo então Ministro de Estado da Educação e do Desporto, Murílio de Avelar Hingel, que ali compareceu por duas vezes. Na interminável década entre as primeiras iniciativas e a entrada dos alunos houve o esforço dos diversos políticos (prefeitos, ex-prefeitos, vereadores, ex-vereadores, secretários, parlamentares estaduais e federais), comerciantes, religiosos, profissionais liberais, professores e pessoas do povo de Ceres. A mobilização foi tamanha que atingiu até as cidades vizinhas, todas beneficiadas diretamente. Nas matrículas se via a naturalidade dos estudantes: gente de todo o Brasil.

Desde então, a Escola Agrotécnica Federal de Ceres (EAFCe) se consolidou como respeitada instituição de ensino, preparando profissionais, investindo em pesquisa e, principalmente, formando cidadãos para a vida. Agora, rebatizada de *Campus Ceres* do Instituto Federal Goiano, a respeitada instituição já colocou no mercado 3 mil profissionais de excelente nível, trabalhando nas mais diferentes unidades da federação.

Ter no currículo a passagem pela EAFCe significa garantia de aprendizagem com professores altamente qualificados. Atualmente, são 700 alunos em cursos ligados à lida no campo, inclusive informática e as demais conquistas de ponta aplicadas ao labor rural. Os avanços tecnológicos ali realizados, frutos de pesquisas empreendidas por alunos, professores e pessoal de apoio, aprimoraram a qualidade e a quantidade da produção agropecuária brasileira. O milagre da multiplicação das exportações nacionais é explicável pelos êxitos de projetos como os de Ceres. A bem-sucedida Escola Agrotécnica, como as congêneres públicas e particulares no território nacional, é protagonista dos superávits na balança comercial brasileira.

O *Campus* Ceres do Instituto Federal Goiano está instalado em 193 hectares, quase 2 milhões de metros quadrados, com sede à altura do quilômetro 3 da Rodovia GO 154, numa região tão bela quanto produtiva. Cumpre à risca seu objetivo: “Proporcionar inclusão social por meio da elevação de escolaridade e da qualificação profissional”. Promove estudos nas áreas de apicultura, avicultura, bovinocultura, ecologia, fruticultura, olericultura, ovinocultura, piscicultura, suinocultura, culturas anuais, animais silvestres, além de informática. A tecnologia é item básico das atividades aplicadas ao campo, como a agroindústria.

Além de exportar modernidade, a EAFCe expandiu sua própria estrutura física. Agora, possui uma espécie de *campus* avançado em outra importante cidade goiana, Goianésia, a 120 km de Ceres. A partir de 2009, passou a ter graduação em Biologia. Para 2010, aguarda-se o início das aulas de Agronomia. Certamente, haverá de dispor de Veterinária e Zootecnia, mais os respectivos de Engenharia. A meta é manter o padrão do nível secundário, hoje ensino médio, pois a ex-Escola Agrotécnica sempre teve cursos superiores: superiores na dedicação dos professores, na aptidão dos alunos, no esforço do pessoal de apoio, nas experiências, nos resultados.

A razão de o ensino ali ser realmente superior se explica ainda pelas atividades extraclasse, que vão das culturais às científicas ou unindo as duas ramificações do conhecimento. As mostras anuais de ciência e tecnologia dão idéia de quão inteligentes, criativos e estudiosos são os estudantes da EAFCe/IFGCeres e seus mestres. Discutem a produtividade no campo e a preservação do Cerrado, a recuperação de áreas degradadas e as safras que alimentam o mundo, o biocombustível extraído da cana (uma das maiores fontes de riqueza da região) e os combustíveis de fato vitais ao homem: o ar, a água, ambos em abundância e sem poluição.

O magnífico padrão de seu rendimento proporciona prêmios, como a comenda de mérito em reconhecimento aos serviços prestados ao ensino agropecuário no Brasil. A honraria foi entregue dia 15 de maio de 2009, no Ministério da Educação ao diretor-geral da unidade de Ceres, Elias de Pádua Monteiro, que a recebeu e a dedicou à

comunidade, notadamente a de professores, servidores e alunos. A medalha foi mais uma conseguida por Ceres, uma cidade-polo, inclusive em Educação.

Domingos, a escola e a cidade têm trajetórias idênticas: são frutos de luta, nunca tiveram facilidades, deram oportunidade a quem tem força de vontade, amaram a Educação, venceram pelo trabalho.

Portanto, aqui se entrelaçam as histórias de Domingos Mendes da Silva e do *Campus Ceres* do Instituto Federal Goiano. O destemor e a sabedoria de Domingos e outros pioneiros tornaram possível construir, no coração do Brasil, uma linda cidade como Ceres. A xará da deusa da agricultura só é realidade porque valentes como o missionário a serviço de Deus labutaram pelo desejo humano de crescer. Os frutos das bênçãos divinas apareceram por encontrarem as virtudes terrenas do esforço, da boa vontade, da filantropia. O sonho de Domingos de fazer da velha colônia agrícola um polo irradiador de Educação se concretizou com a Escola de Enfermagem e a Escola Agrotécnica. Uma que fundou e manteve por décadas, outra pela qual batalhou e viveu o suficiente para vê-la erguida.

Assim, nada mais justo que dar ao *campus* do Instituto Federal Goiano, da cidade de Ceres, o nome de um de seus idealizadores. Quando morreu, no fim de 2006, Domingos tinha 93 anos. Dizia-se feliz e realizado. Compreende-se: viveu coberto de bênçãos, morreu coberto de glórias. Foi médico e professor enquanto teve forças. Já com as mãos carcomidas pelos efeitos dos raios X (quantas décadas passou dias e noites dando aula de radiologia a moças que atenderiam nos grotões do Brasil, quando não se sabia dos efeitos maléficos da radiação!), resistia trabalhando. A multidão de amigos, pacientes e de pacientes que se tornaram amigos ficou estupefata ao saber de seu passamento, talvez considerando imortal aquele que tanta vida proporcionou a tanta gente. Os milhares de profissionais que formou ao longo de décadas se recusavam a crer nas causas naturais que levaram o velho mestre dos braços do povo ao colo do Pai. Mas ali estava o corpo do grande homem, do extraordinário ser humano Domingos Mendes da Silva. Foi carregado nas ruas pelo povo e enterrado ao som do pranto comovido da profusão de rostos. Descia à terra banhado pelas lágrimas de gratidão e subia aos céus por merecimento, mais que por devoção.

É difícil alguém receber reconhecimento em vida e difícilimo obtê-lo na proporção do que fez por merecer. Doutor Domingos, que era como o povo o chamava, teve-o a tempo. A turma de formandos do Colégio Batista de Niterói, para os quais deu aula em 1947, emocionou-o ao chegar a Ceres para reverenciá-lo 50 anos depois. O mesmo ocorreu com os políticos, os professores, a juventude... Igual aconteceu quando se pesquisava para elaborar esta exposição de motivos. Prefeitura, Câmara de Vereadores, sindicatos, partidos políticos, associações – uma unanimidade inteligente apoiando a lembrança de seu nome na escola agrotécnica, hoje *Campus Ceres* do Instituto Federal Goiano, amanhã *Campus Ceres* - Domingos Mendes da Silva. Os

estudantes, mesmo com passagem transitória durante o tempo do curso, aprovaram a escolha após ouvirem sobre o conjunto de obras que foi a vida de Domingos. Grande parte dos alunos é de outros municípios, alguns distantes de Ceres, mesmo assim ouvem-se aplausos à medida. Os jovens sabem que vão vencer e terão futuro brilhante se seu modelo for aquele que vai passar a constar da fachada da sede como já está na história do ensino profissionalizante do Brasil: DOMINGOS MENDES DA SILVA.

Vai receber o nome maiúsculo de um educador que se tornou grande ao engrandecer o ofício-missão de professor.

Vai receber o nome de um dos fundadores do município que abriga a unidade de ensino.

Vai receber o nome de um dos batalhadores pela implantação da escola agrotécnica onde está.

Vai receber o nome de um professor querido por todos os segmentos locais.

Vai receber o nome de um dos pioneiros no ensino profissionalizante no Oeste brasileiro.

Vai receber o nome de um entusiasta da tecnologia, um dos responsáveis pela implantação da primeira hidrelétrica e da primeira telefônica.

Vai receber o nome de um benemérito com boas ações em três Estados, que poderia batizar a rede de faculdades de que foi dirigente, hoje compondo a UniEvangélica, uma potência no ensino em Goiás. O reitor é Carlos Hassel Mendes, o filho que, como Domingos, foi deputado e prefeito, contudo, considera seu apogeu o cargo de professor. A mantenedora, a Associação Educativa Evangélica, tem faculdades e colégios em Anápolis, Ceres e Goianésia. O renomado colégio de Ceres, do qual Domingos foi fundador e dirigente, leva o nome de Álvaro de Melo, outro médico pioneiro na cidade. O colégio de Anápolis se chama Couto Magalhães, em homenagem ao desbravador do interior brasileiro, com grandes feitos no Rio Araguaia. Domingos foi um dos primeiros da Medicina na região, como Álvaro, e um bandeirante moderno, igual a Couto.

Dar o nome de Domingos Mendes da Silva à tradicional Escola Agrotécnica Federal de Ceres (hoje campus Ceres do Instituto Federal Goiano) é um incentivo para que a atual e as futuras gerações invistam na Educação, incluindo-se o inclusivista ensino técnico, de níveis médio e superior. Conforme já se demonstrou aqui, suas trajetórias se abraçam. O amplexo se estreita ainda mais não apenas porque a luta dele ajudou a tornar possível a existência dela. A meta com a criação dela, capacitar a juventude para

melhorar a produção no Brasil, foi o propósito da vida dele. Em década e meia, ela, a escola, formou 3 mil técnicos rurais que têm êxito profissional em todo o País; em meio século, ele, o professor, formou 10 mil técnicos em enfermagem que alcançaram sucesso profissional em postos de saúde, hospitais, clínicas, acampamentos e onde mais houvesse doente à espera de atendimento nesse continente chamado Brasil.

A mudança pretendida com a presente proposição revela-se ainda mais acertada quando se repisa que Ceres e Domingos são itens que deram certo na “Marcha para o Oeste”. As terras férteis de uma e a mente fértil do outro são símbolos de uma nação que resumia suas atenções ao litoral e deixou de virar as costas para seu interior. A distribuição das faixas de terreno teve como quociente uma experiência válida de reforma agrária, pois as famílias ganharam autonomia financeira para tocar seu próprio progresso e ampliar o desenvolvimento do Brasil. Domingos distribuiu sua inteligência, fатиou sua bondade a todos, fez reforma agrária nos próprios bens e os entregou ao povo. É disso que trata este projeto, de uma cidade homenagear seu irmão, aquele tipo de irmão que colabora na criação e é fundamental na manutenção. A escola agrotécnica da cidade ter o nome de um seu benfeitor ajuda a atrair e a gerar mais benfeitores.

Por tudo o que se expôs, solicitamos o apoio de nossos Pares para a aprovação do projeto de lei que ora apresentamos.

Sala das Sessões,

Senador **DEMÓSTENES TORRES**

(À Comissão de Educação, Cultura e Esporte, em decisão terminativa.)

Publicado no **DSF**, em 03/07/2009.